

ARTIGO

DOSSIÊ ESTUDOS EM SEMIÓTICA SOCIAL NA AMÉRICA LATINA

**SIGNOS DA PANDEMIA: MULTIMODALIDADE, SEMIÓTICA SOCIAL E
COMUNICAÇÃO A PARTIR DO PENSAMENTO DE GUNTHER KRESS**

*(Signs of the pandemic: multimodality, social semiotics and communication
inspired by Gunther Kress' thoughts)*

*(Signos de pandemia: multimodalidad, semiótica social y comunicación desde
el pensamiento de Gunther Kress)*

Clarice Gualberto¹
(Universidade Federal de Minas Gerais)

Sônia Pimenta²
(Universidade Federal de Minas Gerais)

Recebido em: janeiro de 2021

Aceito em: abril de 2021

DOI: 10.26512/les.v22i1.37273

¹ Pesquisadora de pós-doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais, no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, onde também fez doutorado, com período sanduíche orientado pelo professor Gunther Kress. Sua pesquisa é na área de Multimodalidade, Semiótica Social e Comunicação. E-mail: clg@ufmg.br.

² Atua nas áreas de Multimodalidade e Semiótica Social na Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Fez doutorado na PUC/SP, com período sanduíche no Instituto de Educação da Universidade de Londres e tem Pós-doutorado na UFSC. E-mail: soniapimenta1@gmail.com.

RESUMO

Neste artigo, refletimos sobre alguns impactos da pandemia nas interações e na comunicação a partir do pensamento multimodal e sociossemiótico de Gunther Kress, relacionando exemplos com conceitos fundamentais à Semiótica Social, como identidade, poder, signo motivado e interesse. Além disso, propomos uma pequena homenagem a este autor que tanto nos influenciou. Para tanto, traçamos um breve histórico da sua carreira acadêmica, destacando algumas de suas principais publicações e discutindo conceitos e ideias desenvolvidas por ele ao longo de sua trajetória.

Palavras-chave: *Semiótica Social. Gunther Kress. Multimodalidade. Pandemia.*

ABSTRACT

In this article, we reflect on some impacts of the pandemic on interactions and communication drawing from Gunther Kress' multimodal and sociosemiotic thinking. To do so, we relate examples with fundamental concepts of Social Semiotics, such as identity, power, motivated sign and interest. In addition, we propose a small tribute to this author who greatly influenced us. We trace a brief history of his academic career in which we highlight some of his main publications and discuss concepts and ideas developed by him throughout his career.

Keywords: *Social Semiotics. Gunther Kress. Multimodality. Pandemic.*

RESUMEN

En este artículo, reflexionamos sobre algunos impactos de la pandemia en las interacciones y la comunicación a partir del pensamiento multimodal y socio-semiótico de Gunther Kress, relacionando ejemplos con conceptos fundamentales de la Semiótica Social, como identidad, poder, signo motivado e interés. Además, te proponemos un pequeño homenaje a este autor que tanto nos influyó. Para ello, trazamos una breve historia de su carrera académica, destacando algunas de sus principales publicaciones y discutiendo conceptos e ideas desarrolladas por él a lo largo de su carrera.

Palabras clave: *Semiótica Social. Gunther Kress. Multimodalidad. Pandemia.*

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretendemos lançar um olhar sobre as mudanças trazidas pela pandemia a partir de reflexões fundadas nas ricas contribuições do pensamento de Gunther Kress. O ano de 2020 foi atípico; vimos mudanças complexas e profundas na paisagem comunicacional trazidas pelas medidas de segurança relacionadas à propagação da COVID-19. Segundo Adami *et al.* (2020), a pandemia forçou mudanças abruptas e repentinas referentes às formas de interagir e comunicar:

A pandemia tem efeitos sem precedentes sobre a forma como organizamos e regulamos todos os aspectos e domínios de nossas vidas sociais, incluindo como conduzir atividades, como interagir com os outros e como gerenciar o espaço – tanto *offline* quanto *on-line*, bem como nas linhas porosas entre esses dois tipos de ambiente. (p. 3)³.

³ Nossa tradução de: “*The pandemic has unprecedented effects on the ways we organise and regulate all aspects and domains of our social lives, including how to conduct activities, how to interact with others, and how to manage space – both offline and online, as well as in the porous lines between these two types of environment.*” (ADAMI *et al.*, 2020, p. 3).

Assim, como semioticistas – que tiveram o privilégio de estudar com o professor Gunther Kress –, olhamos para esse fenômeno e começamos a refletir sobre como as pesquisas de Kress se fazem (ainda mais) relevantes frente às consequências sociais da pandemia. Por isso, acreditamos ser pertinente a iniciativa de fazer alguns apontamentos e tecer discussões sobre o “novo normal”, ou seja, práticas de interação e comunicação que têm se tornado padrões de comportamento ao longo da pandemia e que possivelmente irão perpetuar durante a pós-pandemia.

Iniciamos nossas reflexões contando um pouco da trajetória de Gunther Kress, contextualizando seu percurso profissional e acadêmico. Em seguida, apresentamos alguns marcos principais de sua teoria (Semiótica Social), abordando conceitos, ramificações e desdobramentos. Essa fundamentação irá nos permitir seguir para o próximo tópico, em que analisamos exemplos de novos padrões de comunicação e interação sob uma perspectiva multimodal a partir da Semiótica Social.

1. UM POUCO DA TRAJETÓRIA DE GUNTHER KRESS

Gunther Kress (1940-2019) iniciou sua carreira como linguista e, posteriormente, expandiu seus estudos para semiótica, direcionando sua pesquisa para o âmbito social. Dialogando com as ideias de Marx, Foucault e Freud, ele fez importantes contribuições para diversas áreas de conhecimento como linguagens, comunicação, educação, *design*, artes e sociologia. Em seus mais de 15 livros publicados, são recorrentes os conceitos de poder, representação, signo motivado, interesse, produção de sentido, multimodalidade, agência, discurso e texto.

O trânsito entre Austrália e Reino Unido é uma característica marcante na carreira acadêmica de Gunther Kress. Em 1966, ele se formou em Literatura Inglesa (*University of Newcastle*). Na década de 70, foi bastante inspirado pelas ideias de seu orientador, professor Michael Halliday (*University College London*), levando-o a organizar a obra *Halliday: System and Function in Language: Selected Papers* (1976). O estudo minucioso do trabalho de Halliday foi um fator importante do seu processo investigativo como cofundador da Linguística Crítica, juntamente com Robert Hodge, Roger Fowler e Tony Trew, parceria que culminou nas obras *Language and Control* (FOWLER; KRESS; TREW; HODGE, 1979) e *Language as Ideology* (KRESS; HODGE, 1979).

Em 1978, após ter sido professor de instituições renomadas como *University of Kent* e *University of East Anglia*, Gunther volta para Austrália, o que possibilitou estreitar ainda mais os laços com Robert Hodge. Assim, em 1988, enquanto as ideias da Linguística Crítica fomentavam

a Análise Crítica do Discurso⁴, Hodge e Kress decidem expandir seus estudos sobre comunicação para além da língua, publicando *Social Semiotics* (HODGE; KRESS, 1988).

Em uma entrevista concedida por Gunther Kress, ele fez a seguinte afirmação sobre seu processo de elaboração do trabalho com Bob Hodge: “pensamos que ‘nós fizemos isso sobre a língua; mas, na verdade, o significado repousa em muito mais coisas do que na língua’ e dissemos ‘devemos fazer algo mais. Vamos ver todas essas outras maneiras pelas quais o sentido é produzido’” (entrevista a LINDSTRAND, 2008, p. 61)⁵. Assim, na referida obra, os autores propõem uma teoria que considera outros modos semióticos (como imagem e *layout*, por exemplo) para a produção de sentidos dentro de uma perspectiva social.

Sua experiência na Austrália também o aproximou de Theo van Leeuwen, que resultou em outra parceria importante para sua carreira, na qual eles aprofundaram os estudos sobre imagem e *layout*, desenvolvendo um método de análise visual a partir das metafunções da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday (1985). Assim, a obra *Reading Images* (1990) e suas versões ampliadas de 1996, 2006 e 2020 – *Reading Images: The Grammar of Visual Design* – não podem ser consideradas uma teoria, mas sim uma metodologia para análise de imagens que se fundamenta nos princípios teóricos da Semiótica Social e da perspectiva de Halliday.

Em 1991, Gunther Kress volta para o Reino Unido e se vincula ao *Institute of Education*, e, então, ele passa a relacionar a Semiótica Social (SS) com aspectos de ensino e aprendizagem. Além disso, seu contato com o professor Basil Bernstein contribuiu para suas publicações sobre pedagogia e currículo (KRESS, 1993a, 1995a, 1995b e 2000a, por exemplo). Tendo em vista a relevância dos seus trabalhos sobre educação, Gunther fez parte do *New London Group* (1996), em que discutiu o futuro do ensino, numa perspectiva global, considerando os impactos das novas mídias e tecnologias (BEZEMER; BLOMMAERT, 2012).

Nesse contexto, a multimodalidade se tornava cada vez mais difundida e relevante, sobretudo com a publicação de 2001 – *Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication* (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001) – em que os autores consolidam sua visão sobre o termo. Imerso nos estudos sobre multimodalidade, Kress desenvolve o que ele chamou de “abordagem multimodal a partir da semiótica social”, discutindo interações e potenciais de sentido de modos semióticos, fundamentando-se na SS. Essa proposta culminou, a princípio, em obras voltadas para o âmbito educacional, tais como os livros: *Before Writing: Rethinking the Paths*

⁴ *Critical Discourse Analysis*, cujos principais representantes são Fairclough (1989), Wodak (1989) e van Dijk (1993).

⁵ Nossa tradução de: “[...] ‘we’ve done this thing on language; but really, meaning rests in many more things than language’ and we said ‘we must do something more. We’ll look at all these other ways in which meaning is made’” (LINDSTRAND, 2008, p. 61).

to Literacy (KRESS, 1997), *Literacy in the New Media Age* (KRESS, 2003) e artigos como Kress (2005, 2008), entre outros. Além disso, seu envolvimento com a área de ensino propiciou parcerias que abordaram a multimodalidade sob a ótica da SS (BEZEMER; KRESS, 2008, 2009, 2010 e 2016; GUALBERTO; KRESS, 2019a, KRESS *et al.*, 2001 e KRESS *et al.*, 2005).

Apesar de sua ligação com o âmbito pedagógico, Kress sabia que a multimodalidade sob a ótica da SS também era relevante para outras áreas do conhecimento. Em 2010, a obra *Multimodality: A Social Semiotic Approach to Contemporary Communication* marca seu esforço bem-sucedido em expandir a abrangência de sua teoria, trazendo uma abordagem sociossemiótica da multimodalidade para o âmbito da comunicação. Assim, a interdisciplinaridade inerente ao pensamento de Gunther Kress fica ainda mais nítida nas publicações da sua última década de vida, que envolveram comunicação e medicina (como por exemplo, BEZEMER; KRESS, 2014, 2017a; BEZEMER, *et al.*, 2011, BEZEMER, *et al.*, 2012, BEZEMER, *et al.*, 2017) e comunicação, redes sociais e dispositivos móveis (ADAMI; KRESS, 2010; BEZEMER; KRESS, 2017b; GUALBERTO; KRESS, 2019b).

O trabalho de Gunther Kress foi extenso e inclui muitas outras publicações que não foram citadas aqui. Nesta seção, nosso propósito foi o de apresentar alguns pontos da carreira do autor, traçando uma cronologia daquilo que consideramos os principais marcos de sua trajetória acadêmica. Acreditamos, portanto, que este panorama serve como base para a seção a seguir, a respeito da evolução do pensamento de Gunther Kress, em que propomos um recorte, ressaltando conceitos e fundamentos teóricos desenvolvidos pelo autor.

2. ALGUNS MARCOS TEÓRICOS DE GUNTHER KRESS

Como foi visto anteriormente, Gunther Kress tem uma longa lista de contribuições relevantes para as áreas de linguística, educação, comunicação e ciências sociais. Desse grande número de opções, selecionamos alguns desdobramentos da Semiótica Social – a noção de signo motivado e a visão do autor sobre multimodalidade – que abarcam diversos conceitos, os quais discutiremos a seguir.

Um grande marco da teoria de Gunther Kress é como ele revoluciona a noção de signo. Em Hodge e Kress (1988), no capítulo “*The Founding Fathers Revisited*”, os autores fazem uma cuidadosa revisão das principais visões sobre o tema, citando Saussure, Freud, Peirce, Chomsky, Voloshinov e o círculo bakhtiniano. Revelando sua postura crítica sobre cada autor, discordando de alguns pontos e concordando com outros, Hodge e Kress elaboram o conceito de “signo motivado”, que é desenvolvido e detalhado em outras publicações como Kress (1978, 1993b, 1997, 2010 e 2015, por exemplo).

A Semiótica Social não se opõe à ideia tradicional de que o signo é a junção de forma e significado. Porém, partindo dela, a teoria propõe uma ampliação, defendendo que a relação entre forma e significado é sempre motivada por interesses. Utilizando o exemplo de um desenho do seu filho, em que ele representou um carro com formas circulares, Gunther Kress (1993b) afirma que o signo:

não é produto de uma associação arbitrária de um significante e de um significado, seja do ponto de vista do produtor ou de uma consideração das características do objeto. Do ponto de vista do produtor, ele representa seu 'interesse' particular no objeto, um interesse que é em si um reflexo de seu lugar no mundo, fisicamente, cognitivamente, socialmente, culturalmente, conceitualmente. (p. 172)⁶

Dessa forma, o signo motivado é intrinsecamente ligado às noções de interesse, escolha e identidade, pois “o signo e os sentidos que o produtor de signo produz são uma expressão de sua disposição, *habitus*, identidade – do seu interesse” (Gunther Kress em entrevista a LINDSTRAND, 2008, p. 62)⁷. No processo de produção do signo, o indivíduo escolhe e cria formas de representação que são aptas para o seu objetivo. Por isso, cada signo é único e novo, nunca pronto. Daí, decorrem outras noções importantes para Gunther Kress como as de *design(er)* e agência, colocando o produtor de signos como alguém que orchestra modos e recursos semióticos de acordo com o texto que deseja construir.

Com essas considerações, seguimos para a multimodalidade, que na visão de Gunther Kress, não é uma teoria, mas sim uma abordagem e uma característica inerente a qualquer texto. Para o autor, não existem textos *mono-modais*, ou seja, constituídos apenas de um modo semiótico. Portanto, até um texto em que, aparentemente, predomina o modo escrito, existem outros modos presentes além do verbal.

Nesse sentido, considere o simples fato de que um texto escrito é sempre escrito: ele tem que aparecer no meio visual. Um estilo particular de caligrafia ou de tipografia, inevitavelmente acompanha a língua escrita: a língua é impressa com as marcas visuais visíveis de um estilo de escrita ou é transportada por uma voz particular. Não há outra língua a não ser através da co-presença de outro modo semiótico. (KRESS, 1993b, p. 187)⁸.

⁶ Nossa tradução de: “*This sign therefore is not the product of an arbitrary association of a signifier and a signified, either from the point of view of the producer, or from a consideration of characteristics of the object. From the point of view of the producer it represents his particular 'interest' in the object, an interest which is itself a reflection of his place in the world, physically, cognitively, socially, culturally, conceptually.*” (KRESS, 1993, p. 172).

⁷ Nossa tradução de: “*The sign and the meanings that a sign-maker makes are an expression of their disposition, habitus, identity – of their interest*” (LINDSTRAND, 2008, p. 62).

⁸ Nossa tradução de: “*In this connection consider the simple fact that a written text is always written: it has to appear in the visual medium. A particular style of handwriting, or of typeface, inevitably accompanies written language:*

Essa concepção traz consequências radicais e complexas para a forma como entendemos a língua e a comunicação. Em primeiro lugar, a abordagem multimodal de Gunther Kress coloca a língua no mesmo nível de importância de outros modos semióticos, como a imagem, as cores, o som etc. Em segundo lugar, a nomenclatura “modo semiótico”, que se refere ao meio material para produzir sentidos, permite a descentralização da língua, pois, com essa expressão, não precisamos usar termos como “não-verbal”, “extralinguístico”, “linguagem visual”, “linguagem corporal”, que também contribuem para a supervalorização do verbal em relação aos outros modos.

É importante reforçar que Kress não desvalorizou a língua, pelo contrário, é nítido o extenso conhecimento de Gunther Kress sobre linguística, e, exatamente por ter tanta propriedade na área, ele chega à conclusão de que, apesar do foco dos estudos acadêmicos na língua, ela não é suficiente para abordar todos os processos de produção de sentido. Muitas vezes, ela é sim parte da composição, mas não é adequado que ela permaneça como centro da significação. Segundo o autor, “se a língua garantisse o sentido e a racionalidade, as teorias da língua poderiam servir como base para explicar o que é necessário ser compreendido sobre questões centrais acerca da representação” (KRESS, 2010, p. 56)⁹.

A tarefa de abordar marcos teóricos de um pensador da magnitude de Gunther Kress é realmente difícil. Para este trabalho, selecionamos os conceitos que consideramos mais latentes e que revelam muito do “social”, adjetivo que qualifica sua abordagem para a teoria semiótica desenvolvida por ele. Gunther Kress defendia que qualquer análise e estudo de texto que se fundamentasse na Semiótica Social precisaria: a) partir do social, das observações cotidianas; b) considerar a multiplicidade de modos envolvidos nos textos selecionados; c) estabelecer conexões com outras áreas do conhecimento de que o objeto estudado faz parte; d) tecer reflexões sociais a partir das análises, considerando questões como poder, identidade, controle etc.

Apesar de estarmos limitadas ao espaço deste artigo, acreditamos ter fornecido uma lista situada de referências robusta para aqueles que desejarem se aprofundar nas ideias de Gunther Kress. Prosseguimos, então, para o próximo tópico em que refletimos sobre as mudanças provocadas pela pandemia dos conceitos de Gunther Kress que abordamos até aqui.

language is imprinted with the visible visual marks of a writing style, or is carried by a particular voice. There is no language other than through the co-presence of another semiotic medium.” (KRESS, 1993b, p. 187).

⁹ Nossa tradução de: “*If language guaranteed meaning and rationality, then theories of language could also be relied on to provide tools to explain what needed to be understood about central issues in representation*” (KRESS, 2010, p. 56).

3. O “NOVO NORMAL” A PARTIR DE GUNTHER KRESS

Refletir a respeito dos impactos da pandemia sobre as relações sociais sob a ótica do pensamento de Gunther Kress implica discutir como as novas formas de interagir revelam mudanças sociais complexas, envolvendo, principalmente, identidades, produção de sentidos, poder e agência. Dessa forma, selecionamos algumas características do chamado “novo normal” para servir, ao mesmo tempo, de exemplos e de pontos de partida para nossa discussão.

Para fazer este recorte, baseamo-nos em nossas próprias observações a respeito do nosso (novo) cotidiano e em estudos sobre o assunto como os de Adami *et al.* (2020) e Lim (2020), que nos permitiram formular hipóteses sobre potenciais sentidos de signos relacionados ao distanciamento, respeito, engajamento, afeto e à cordialidade, criados durante a pandemia.

3.1 Poder, agência e engajamento em aulas on-line

Com o distanciamento físico, a comunicação está, mais do que nunca, regida pelas tecnologias digitais, impactando profundamente nossas formas de interagir. As videochamadas, reuniões on-line e o ensino a distância não são fenômenos novos. Porém, de acordo com Lim (2020), é inegável que a pandemia forçou a disseminação e o uso dessas tecnologias, aumentando, significativamente, o número de usuários de plataformas como *Zoom*, *Google Classroom*, *Microsoft Teams* etc.

Muitos estudantes de diversos níveis, desde o ensino infantil até o universitário, não precisam mais se deslocar para a escola ou faculdade, mas se tornaram dependentes dos dispositivos digitais e do acesso à internet para participar das aulas. Olhando para este novo contexto, questionamos: quais os impactos dessa mudança na comunicação, no que se refere a signos produzidos, formas de interação, normas sociais e funcionamento da aula em si? Para refletir sobre essas questões, precisamos considerar aspectos como hierarquia, controle, poder, agência e engajamento.

Ao compararmos aulas a distância e presenciais, percebemos muitas diferenças que ditam formas distintas de interagir. Em primeiro lugar, nas aulas on-line, o professor tem o controle sobre quem fala, já que as plataformas oferecem a opção de (des)ativar o microfone dos participantes. Assim, não é necessário que ele(a) peça silêncio para a turma, basta acionar um recurso. A hierarquia e o poder ficam nítidos nesse aspecto, sendo o docente aquele que possui o controle sobre este quesito.

Por outro lado, os alunos ganham mais liberdade em relação às suas ações durante a aula. Eles não estão mais limitados às quatro paredes da sala de aula; agora, podem escolher o lugar mais confortável para se acomodar, ir ao banheiro ou tomar água quando bem entenderem, sem precisar

pedir permissão (o que não é comum no contexto do ensino básico). Os estudantes podem escolher se são vistos ou não pelos outros participantes; e isso lhes garante mais liberdade e autonomia, enquanto o professor perde o controle em relação ao que os alunos estão fazendo enquanto ele(a) leciona. Além dessas implicações, o simples ato de desligar a câmera de vídeo torna-se um signo que pode produzir sentidos relacionados ao (não) engajamento do aluno; mesmo que o estudante esteja atento à aula, o ato de optar por não ser visto pode ser interpretado como desinteresse. Por isso, deixar o vídeo ligado, em alguns contextos, torna-se um signo de cordialidade, propiciando ao palestrante ou docente, uma espécie de certificação da presença de quem assiste.

A manifestação de dúvidas e comentários ao longo da aula também apresenta mudanças nas formas de interagir. Seguindo o pensamento de Kalantzis e Cope (2020), os comentários no *chat* propiciam menos espaço para o exibicionismo de alunos que gostam de ser o centro das atenções e, ao mesmo tempo, encorajam os tímidos a se manifestarem durante a aula – não é preciso lidar com os olhares da turma e nem interromper o professor. Dessa forma, o engajamento ganha outros modos de materialização, impactando diretamente a agência dos alunos e do professor – que deixa de ter o controle sobre comentários e/ou dúvidas dirigidos a ele(a) durante a aula.

A aula mediada por dispositivos eletrônicos interfere no som, no olhar e na movimentação corporal não só do aluno, como já abordamos anteriormente, mas a do professor, que agora está limitado às dimensões da tela. A imagem e o áudio não dependem mais da distância entre quem apresenta e quem vê e escuta. Os nossos olhos e ouvidos capturam uma informação gerada por um dispositivo. Segundo Adami *et al.* (2020), “Microfones e alto-falantes interferem no quão alto somos para os outros e transformam ações geralmente de baixo volume de áudio (como digitar, respirar ou manusear objetos) em ruídos altos para outros participantes” (p. 7)¹⁰. Esses fatores mudam nossos padrões de referência, e, portanto, padrões de interação e de engajamento.

A perspectiva do olhar também muda no ambiente virtual. A direção do olhar do interlocutor só indica se ele(a) está olhando para a tela, para fora dela ou para a câmera. O que não ocorre numa interação em que as pessoas se encontram no mesmo local físico. Por exemplo, dentro da sala de aula, o professor sabe se o aluno está olhando para um colega, para o celular, o livro, o quadro, a janela entre tantas outras possibilidades. Na aula on-line, o estudante pode estar olhando para a tela, mas para onde exatamente? Para sua própria imagem? Para a de um colega? Para o professor? Para outro *website*? Para o *chat*?

¹⁰ Nossa tradução de: “Microphones and speakers interfere with how loud we are to others and turn usually low audio-volume actions (like typing, breathing, or handling objects) into loud noises for other participants.” (ADAMI, *et al.*, 2020, p.7).

A esse respeito, Sindoni (2013) defende que o ato de “olhar nos olhos” é uma ilusão e impossível de ser recíproco – ou se olha para a câmera ou para o quadro onde a imagem do participante é projetada. Segundo a autora, “se o Participante A olha para a *webcam*, o participante B sente que ela ou ele está sendo olhado diretamente nos olhos. Mas essa percepção não pode ser recíproca, uma vez que o Participante B não pode retribuir o olhar ao mesmo tempo”¹¹; pois, quando olhamos para a câmera, deixamos de ver o outro participante.

Relacionando essa discussão aos argumentos de Kress e van Leeuwen (1996) sobre o poder do olhar, constatamos o quanto as interações on-line trazem novos padrões sociais e estilos de comunicação. Na sala de aula, não era raro ver um professor direcionando o olhar para alguém que estava se comportando de forma inadequada, e, sem precisar lhe dizer nada, este aluno parava o que estava fazendo e voltava sua atenção para aula. O olhar de “demanda” (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996) se dirige ao interlocutor de forma direta, envolvendo-o na ação. A mudança desse paradigma desencadeada pelas interações on-line altera profundamente as formas de engajamento, provocando mudanças complexas no comportamento humano.

Por fim, enquanto os alunos ganham maior possibilidade para se movimentar em relação às restrições impostas pelas normas da sala de aula, o professor perde sua mobilidade. Ao invés de ficar em pé, caminhar pela sala, gesticular e escrever no quadro, no ambiente on-line, o corpo tende a permanecer sentado, limitado ao enquadramento da câmera. Além disso, o senso de *feedback* mudou. De acordo com Lim (2020), o professor não pode mais contar com as tradicionais “pistas visuais” dos seus alunos para avaliar o engajamento dos estudantes e saber se sua aula está entediante ou interessante. Assim, professores e alunos enfrentam mais esse desafio, reinventando-se para se adaptar às mudanças na comunicação.

3.2 Identidade em tempos de distanciamento

Com este novo cenário, em que aniversários, cerimônias de casamento, aulas, encontros religiosos, entre tantos outros eventos têm sido mediados pelas tecnologias digitais, as representações de identidade se valem dos recursos oferecidos pelas plataformas de videoconferência. Por exemplo, o *Zoom* tem uma opção que permite ao participante exibir um vídeo ou imagem (como praia, floresta, cidades turísticas etc.) como plano de fundo durante uma reunião. Essa mudança de cenário não só dá a ilusão de que se está em um local diferente; ela também produz sentidos, que revelam interesses,

¹¹ Nossa tradução de: “*if Participant A looks at the webcam, Participant B feels she or he is being looked at straight in the eyes. But this perception cannot be reciprocal, since Participant B cannot reciprocate gaze at the same time*” (SINDONI, 2013, *Kindle Edition*).

os quais, segundo Kress (2000b), são pessoais, cognitivos, afetivos e sociais, formatando o direcionamento que damos aos recursos semióticos e criando diversos sentidos.

Portanto, ao escolher a imagem de uma biblioteca como plano de fundo para se apresentar em um congresso virtual, o indivíduo se projeta com um tom formal, acadêmico e intelectual – sentidos comumente associados a um ambiente com livros. Por outro lado, há planos de fundo que podem evocar humor e descontração, projetando uma identidade mais informal. As demonstrações de afeto utilizando esse recurso também são comuns; quando as pessoas escolhem planos de fundo com corações ou mensagens escritas como “eu te amo”, “parabéns” etc., elas constroem sentidos relacionados aos sentimentos que têm por um ou mais participantes da videoconferência, além de preservar a privacidade da pessoa evitando mostrar partes da casa ou escritório.

Saindo dos ambientes on-line, podemos considerar o efeito que o uso compulsório das máscaras tem apresentado na projeção de identidades. Em primeiro lugar, o fato de usar ou não máscaras já produz sentidos relacionados à ideia de respeito ao outro e às normas. Se antes da pandemia, ver alguém usando máscara era comumente interpretado como “essa pessoa está doente”, agora a máscara se tornou um acessório comum e obrigatório, e não usá-la pode ser entendido como “essa pessoa não tem noção”, ou seja, pode passar ideia de descaso, falta de cuidado e, até mesmo, certo egoísmo, como se a pessoa não se importasse com a proliferação do vírus ou estivesse minimizando a pandemia. Portanto, ficam claras algumas possibilidades de representações de si e dos outros construídas por pessoas com ou sem máscaras.

Em segundo lugar, variedade de estampas, materiais e texturas cria diversas possibilidades de identificação, escolha e produção de significados. A máscara não é apenas um artefato de proteção, mas sim um complexo de signos (“*sign-complex*”¹²), cuja orquestração, segundo, Kress (2015), revela traços da identidade de quem escolheu usar esta ou aquela máscara. Nos exemplos a seguir (Fig. 1 e 2), vemos duas máscaras distintas que evocam sentidos diferentes.

¹² KRESS, 2015.

Figura 1 – Máscara 1



Fonte: <https://tmmgstore.com>

Figura 2 – Máscara 2



Fonte: <https://www.mitoucamisetas.com.br>

Na Fig. 1, percebemos uma associação clara com questões políticas ligadas à inclusão e ações afirmativas. O texto escrito “*black lives matter*” tornou-se ainda mais difundido mundialmente após um homem negro ter sido asfixiado por um policial branco no estado de Minnesota, nos Estados Unidos em maio de 2020. A frase inundou as redes sociais, mostrando a indignação das pessoas em relação ao acontecido. Adicionalmente, a máscara contém as cores do Movimento Rastafári, que remetem à luta, ao protesto, projetando uma identidade carregada de posicionamento político que ressalta a valorização dos negros.

Já, na Fig. 2, é evidente o tom de humor com o texto escrito “Calma que é rinite”. Mas também projeta uma comunidade que tende a ter um comportamento tenso ou negativo com pessoas que apresentam coriza e/ou espirro (comuns à rinite e COVID-19). Assim, o indivíduo que usa esta máscara parece viver num contexto em que precisa justificar a possível presença desses sintomas. Outra interpretação, seria uma crítica ao excesso de tensão e ao julgamento equivocado da população quando ouvem um espirro, por exemplo.

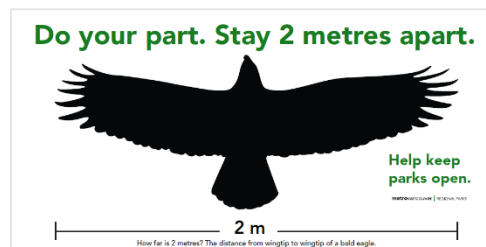
A projeção de si e do outro também pode ser observada em placas institucionais, que, no nosso contexto de investigação, se referem à situação da pandemia.

Figura 3 – Placa Austrália



Fonte: <https://www.showpony.com.au>

Figura 4 – Placa Vancouver



Fonte: <http://www.metrovancouver.org/>

Nas Fig. 3 e 4, observamos ações governamentais (Austrália e Canadá, respectivamente) que se utilizam de animais como referência para mostrar a medida da distância que deve ser mantida entre as pessoas. Ao optar por esse recurso, os textos podem projetar um público que aprecia o contato com a natureza e que é familiarizado com animais. O apelo é para manter a situação controlada (com baixo índice de casos) e para que medidas drásticas não sejam necessárias (como fechar os parques – “*Help keep parks open*”, Fig. 4). Além disso, cada um dos países projeta uma identidade de si definida pelas riquezas naturais.

Em contrapartida, no contexto brasileiro, muitos governos municipais e estaduais optaram por uma abordagem mais incisiva, como podemos ver nas Fig. 5 e 6.

Figura 5 – Placa Amazonas



Fonte: <https://amazoniapress.com.br>

Figura 6 – Placa Maranhão



Fonte: <http://www.sucupiradonorte.ma.gov.br>

As placas não são apenas explicativas, elas contêm um apelo à população, numa tentativa de persuadir as pessoas a manterem a distância, argumentando que o “distanciamento salva vidas”. Por não terem atingido números tão alarmantes quanto no Brasil, as placas da Austrália e do Canadá (Fig. 3 e 4) não parecem apresentar um tom de preocupação tão latente como vemos nas Fig. 5 e 6. As escolhas materializadas nos exemplos brasileiros revelam um público que parece precisar ser convencido de que o distanciamento social é importante.

Na Fig. 6, vemos uma representação do vírus tanto no lado esquerdo quanto do lado direito, em posição superior aos seres humanos, mas sem haver sobreposição entre as imagens do vírus e das pessoas, possibilitando a interpretação de que o distanciamento social tem impedido que o vírus entre em contato com elas. Além disso, na Fig. 5, o texto escrito “o distanciamento social continua” evoca um chamado à população, já que a reabertura dos estabelecimentos não significa uma permissão para desconsiderar as regras de segurança. Assim, percebemos a projeção de um público que parece ter a tendência de não obedecer às normas.

O nosso objetivo aqui não é aprofundar em questões políticas em relação à pandemia, porém, ao abordarmos ações governamentais para discutir projeções de identidades, deparamo-nos com aspectos contraditórios que são importantes para a reflexão sobre como as instituições projetam o público e a si mesmas. Diferentemente da Fig. 4, em que consta o texto escrito “faça a sua parte”, nas Fig. 5 e 6, vemos que a população é representada como única responsável pela contenção da pandemia. Porém, o mesmo governo que coloca o distanciamento social como a salvação dos problemas tem sido criticado por não oferecer possibilidades para que essa regra seja cumprida, haja vista a extrema lotação de transportes públicos¹³ e aviões¹⁴, que poderiam ser submetidos a regras rígidas e fiscalizados pelos órgãos responsáveis.

Muito ainda poderia ser discutido sobre os exemplos selecionados para este artigo, com uma descrição mais detalhada dos modos e recursos semióticos envolvidos nas composições dos textos. Entretanto, o nosso recorte manteve o foco em apresentar as nossas conclusões a partir das análises, relacionando algumas mudanças provadas pela pandemia com produções de sentidos imbricadas nesse cotidiano popularmente chamado de “novo normal”.

¹³ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/07/21/evitar-o-contagio-no-transporte-publico-e-um-dos-desafios-na-pandemia.ghtml> e <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/mobilidade/2020/06/5613754-e-a-hora-de-o-brasil-ter-um-transporte-publico-digno.html> Acesso em: setembro de 2020.

¹⁴ Disponível em: <https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2020/05/30/como-esta-voar-no-brasil-durante-a-pandemia-do-coronavirus.htm> e <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2020/08/4867113-viagem-em-tempos-de-pandemia.html> Acesso em: setembro de 2020.

PALAVRAS FINAIS

Gunther Kress foi realmente um marco na história dos estudos sobre comunicação, linguística e semiótica e seu falecimento deixa um grande vazio, mas, ao mesmo tempo, nos traz um enorme desafio: continuar relacionado a Semiótica Social com as diversas instâncias de interação e produção de sentido. Assim, o nosso objetivo com este artigo (além de homenageá-lo) foi exatamente este, propor uma reflexão sobre as mudanças provocadas pela pandemia, sob um viés multimodal da Semiótica Social.

Dessa forma, buscamos aplicar aquilo que Kress sempre defendeu: para que nossos estudos sejam relevantes, o social precisa ser ponto de partida e de chegada, isto é, partimos do banal, do cotidiano, daquilo que está presente no dia a dia dos diversos grupos sociais com os quais temos contato. Observando o contexto ao nosso redor, selecionamos textos, materializações de sentidos, para fazer nossas análises multimodais e, então, devolver à sociedade reflexões sobre interação, relações de poder e identidade, que, por sua vez, irão fomentar outras discussões.

O objetivo aqui foi também de trazer o diálogo interdisciplinar – tão defendido por Gunther Kress e, conseqüentemente, pela Semiótica Social – para fundamentar as nossas conclusões a partir dos exemplos que selecionamos para este artigo. Por uma questão de espaço, não descrevemos a fundo nossas análises, também porque acreditamos que o propósito aqui não é detalhar um passo a passo metodológico, mas sim de mostrar como pressupostos da Semiótica Social são pertinentes para pensarmos o mundo.

Gunther Kress marcou a história das Ciências Humanas e deixou um grande legado para nós, com muitas possibilidades de reflexões e aplicações em diferentes áreas do conhecimento. Esperamos que, com este artigo, tenhamos conseguido explicitar alguns desses marcos e mostrar a relevância do pensamento de Gunther Kress, que foi e ainda é uma inspiração para muitos de nós envolvidos com estudos sobre semiótica, discurso, comunicação e sociedade. Terminamos este trabalho com uma citação de Kress (1997), que aparece no início de seu livro *Before Writing*, em que o autor faz questão de afirmar humildemente que algumas questões não foram exploradas com detalhes e outras não foram nem mencionadas, e, assim, ele diz: “Vou deixá-las para outro momento; e, se minhas omissões geram uma resposta enérgica em alguém, então, esse foi um bom efeito” (KRESS, 1997, p. xvi)¹⁵

¹⁵ Nossa tradução de: “*These I will leave for another time; and if my omissions spark an energetic response in someone, then that has been a good effect*” (KRESS, 1997, p. xvi).

REFERÊNCIAS

- ADAMI, E.; AL ZIDJALY, N.; CANALE, G.; DJONOV, E.; GHIASIAN, M.; GUALBERTO, C.; KARATZA, S.; LIM, V. F.; PEDRAZZINI, A.; PIRINI, J.; WILDFEUER, J.; ZHANG, Y. PanMeMic Manifesto: Making meaning in the Covid-19 pandemic and the future of social interaction. *Working Papers in Urban Language and Literacies*, n. 273, 2020.
- ADAMI, E.; KRESS, G. A social semiotic analysis of mobile devices: Interrelations of technology and social habitus. In PACHLER, N.; BACHMAIR, B.; COOK, J. *Mobile learning: structure, agency, practices*. New York: Springer, 2010. p. 187-206.
- BEZEMER, J.; BLOMMAERT, J. Gunther Kress. In: CHAPELLE, C. (ed), *The Encyclopedia of Applied Linguistics*. Oxford: Wiley Blackwell, 2012.
- BEZEMER, J.; COPE, A.; KORKIAKANGAS, T.; KRESS, G.; MURTAGH, G.; WELDON, S; KNEEBONE, R. Microanalysis of video from the operating room: an underused approach to patient safety research. *BMJ Quality & Safety*, v. 26, p. 583-587, 2017.
- BEZEMER, J.; KRESS, G.; COPE, A.; KNEEBONE, R. Learning in the operating theatre: a social semiotic perspective. In: COOK, V.; DALY, C.; NEWMAN, M. *Work-based learning in clinical settings: Insights from socio-cultural perspectives*. Abingdon: Radcliffe, 2012. p. 125-141.
- BEZEMER, J; KRESS, G. Writing multimodal texts: A social Semiotic Account of Designs for learning. *Written Communication*, v. 25, p. 166-195, 2008.
- BEZEMER, J; KRESS, G. Visualizing English: a social semiotic history of a school subject. *Visual Communication*. v. 8, n. 3, 2009.
- BEZEMER, J; KRESS, G. Changing text: A Social Semiotic Analysis of Textbooks. *Designs for learning*. v. 3, n. 1-2, 2010.
- BEZEMER, J.; KRESS, G. Touch: A resource for making meaning. *Australian Journal of Language and Literacy*, v. 37, n. 2, 2014.
- BEZEMER, J.; KRESS, G. *Multimodality, Learning and Communication: A Social Semiotic Frame*. London: Routledge, 2016.
- BEZEMER, J.; KRESS, G. Continuity and change: semiotic relations across multimodal texts in surgical education. *Text & Talk*, v. 37, n. 4, p. 509-530, 2017a.
- BEZEMER, J.; KRESS, G. Young people, Facebook and pedagogy: Recognizing contemporary forms of multimodal text making. In KONTOPODIS, M., *et al.* *Global Youth in Digital Trajectories*, London: Routledge, 2017b.
- BEZEMER J.; MURTAGH, G.; COPE, A.; KRESS, G.; MURTAGH, G.; KNEEBONE, R. "Scissors, Please": The Practical Accomplishment of Surgical Work in the Operating Theater. *Symbolic Interaction*, v. 34, n. 3, p. 398-414, 2011.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and Power*. London and New York: Longman, 1989.

FOWLER R; KRESS, G.; TREW, T.; HODGE, R. *Language and Control*. London: Routledge, 1979.

GUALBERTO, C.; KRESS, G. Social Semiotics. In HOBBS, R.; MIHAILIDIS, P. (ed.) *The International Encyclopedia of Media Literacy*. New York: Wiley-Blackwell, 2019a.

GUALBERTO, C.; KRESS, G. Contemporary Landscapes of Visual and Digital Communication: The Interplay of Social, Semiotic, and Technological Change. In PAUWELS, L.; MANNAY, D. *The SAGE Handbook of Visual Research Methods*. 2. ed. Thousand Oaks: SAGE. 2019b. p. 574-590.

HALLIDAY, M. *Halliday: System and Function in Language: Selected Papers* (Edited by G. Kress). London: Oxford University Press, 1976.

HALLIDAY, M. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HODGE, R.; KRESS, G. *Social Semiotics*. Ithaca: Cornell University Press, 1988.

KALANTZIS, M.; COPE, B. After the COVID-19 Crisis: Why Higher Education May (and Perhaps Should) Never be the Same. *CG Scholar*, 2020. Disponível em: https://cgscholar.com/community/community_profiles/new-learning/community_updates/114650
Acesso em: set. 2020.

KRESS, G. Towards an Analysis of the Language of European Intellectuals. *Journal of European Studies* v. 8, p. 274-91, 1978.

KRESS, G. Media literacy as cultural technology in the age of transcultural media. In BAZALGETTE, C.; BREVORT, E.; J. SAVINO, J. (ed.) *New Directions: Media Education Worldwide*. London and Paris: BFI/ CLEMI, 1993a.

KRESS, G. Against arbitrariness: the social production of the sign as a foundational issue in critical discourse analysis. *Discourse & Society*, v. 4, n. 2, p. 169-191, 1993b.

KRESS, G. *Writing the future: English and the making of a culture of innovation*. London: National Association for the Teaching of English, 1995a.

KRESS, G. *Making signs and making subjects: the English curriculum and social futures*, an inaugural lecture delivered at the Institute of Education, University of London on 2 March. London: Institute of Education, 1995b.

KRESS, G. *Early Spelling. Between Convention and Creativity*. London: Routledge, 2000a.

KRESS, G. Design and Transformation: New Theories of Meaning. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (ed.). *Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures*. London: Routledge, 2000b. p. 149-158.

KRESS, G. Gains and losses: New Forms of Texts, Knowledge, and Learning. *Computers & Composition*, v. 22, n. 1, p. 5-22, 2005.

KRESS, G. Meaning and Learning in a World of Instability and Multiplicity. *Studies in Philosophy & Education*, v. 27, n. 4, p. 253-266, 2008.

KRESS, G. *Multimodality: A Social Semiotic Approach to Contemporary Communication*. London: Routledge, 2010.

KRESS, G. Designing Meaning: Social Semiotic Multimodality Seen in Relation to Ethnographic Research. In BOLLIG, S. *et al.* MultiPluriTrans in Educational Ethnography: Approaching the Multimodality, Plurality and Translocality of Educational Realities. Bielefeld: Transcript Verlag, 2015. p. 213-233.

KRESS, G.; HODGE, R. *Language as Ideology*. London: Routledge & Kegan Paul Books, 1979.

KRESS, G.; JEWITT, C.; BOURNE, J.; FRANKS, A.; HARDCASTLE, J.; JONES, K.; REID, E. *Urban English Classrooms*. London: RoutledgeFalmer, 2005.

KRESS, G.; JEWITT, C.; OGBORN, J.; TSATSARELIS, C. *The Rhetorics of the Science Classroom: Multimodal Teaching and Learning*. London: Continuum, 2001.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images*. Geelong: Deakin University Press, 1990.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. London: Routledge, 1996.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication*. London: Edward Arnold, 2001.

LIM, V. F. Losses and Gains in Digital Learning. *PanMeMic*, 07 jul. 2020. Disponível em: <https://panmemic.hypotheses.org/568>. Acesso em: ago. 2020.

LINDSTRAND, F. Interview with Gunther Kress. *Designs for Learning*, v.1, n. 2, p. 60–71, 2008.

VAN DIJK, T. Principles of Critical Discourse Analysis. *Discourse and Society*, v. 4, p. 249-283, 1993.

WODAK, R. *Language, power and ideology*. Amsterdam: John Benjamins, 1989.